

Falar de poesia?
*uma certa perspectiva ou a
sonda no espaço extraceleste*

Falar de poesia?
Carlos Mendes de Sousa
***uma certa perspectiva ou a
sonda no espaço extraceleste***

Carlos Mendes de Sousa

1. Há alguns anos Sophia de Mello Breyner Andresen foi à Universidade falar de Camões. Demarcando-se da função de crítica (“não sou professor de Literatura nem de Linguística”), Sophia dá uma lição que parte do entendimento da poesia de Camões pela via do puro dizer: “procurarei mostrar o meu entendimento dessa musicalidade e dessa ressonância, lendo alguns dos seus poemas. Até porque acredito que a inteireza da palavra é oral e não escrita”. No anfiteatro, a voz de Sophia é a lição de Sophia fazendo jus a algo que veementemente a poetisa tem vindo a defender e a praticar: a dicção límpida da língua e a leitura do poema em voz alta. Como se nessa leitura se contivesse tudo o que sobre o poema houvesse para dizer. Porque o poema é acima de tudo ritmo, pede-se que todo o corpo esteja alerta, as sensações despertas. E para Sophia Andresen, Camões é na literatura portuguesa soberano lugar de exemplo – “cria a ressonância e o espaço, encontra o peso das sílabas, o justo espaço do silêncio, a articulação justa”. Após ler versos do poeta que impõem a dicção de uma nova língua, passa a mostrar a fortuna desse legado. Um modo de sobrevivência da voz camoniana vai ser encontrado na poesia moderna e contemporânea – o lugar vivo da dicção viva que regressa. E Sophia continua a falar de poesia: lê poemas dos seus contemporâneos de eleição.

2. É frequente encontrarmos na boca dos poetas uma posição próxima daquela que Sophia de Mello Breyner Andresen nos apresenta, radicalizando-se muitas vezes os pressupostos que levam a que se assumam pontos de vista extremados contra um “falar sobre”. O comentário seria um excesso, excrescência que nada acrescentaria ao que o poema é. O poema intacto, cheio de significação, não aceitando qualquer comentário, como que nos devolveria um silêncio primordial. A sageza desta posição não deixa de assentar em pilares retóricos. É verdade que sempre foram os poetas quem melhor falou da própria poesia e mesmo da poesia dos outros, talvez porque vivendo do lado de dentro da experiência poética. Mas mesmo em silêncio, os poetas continuam a procurar os textos que falam da poesia. Para aprofundar o conhecimento da palavra, o conhecimento da vida.

Wallace Stevens nos seus últimos anos vai à procura de edições alemãs de Hölderlin, mas também dos textos de Heidegger sobre o poeta. Aprender a ler a morte no poema e nas palavras sobre o poema – uma aprendizagem que totalmente revele a vida ou o nada da vida.

3. Territórios: A crítica nos jornais, a crítica universitária, as sessões públicas de lançamentos de livros, os encontros com os poetas, a obrigatória aula de literatura...

Zona de incidência: Mau grado a propalada desatenção atribuída a audiências pouco motivadas, num tempo em que culturalmente o texto literário pouco apela, a aula de literatura continua a ser espaço privilegiado de diálogo.

Como falar de poesia? Se as dúvidas impõem maior ou menor grau de descrença nos diversos âmbitos em que a questão possa ser colocada, elas aumentam quando essa mesma questão se confunde com outra tão próxima: é possível ensinar a ler poesia? Sistematizações académicas pretendem a decifração das palavras e para tal agarram-se em desespero a ferramentas de análise manifestamente insuficientes (simplificações escravizadoras de bem intencionadas análises estruturais ou imanentistas). O aluno, na ilusão de decifrador de equações, prontamente adere à facilitação proposta, encontrando para o

Falar de poesia?

poema a equivalência de uma mão cheia de lugares comuns. Outra via insistentemente tentada: o caminho da paráfrase. Via aberta a divagações moles – o texto quase sempre reduzido a uma história adocicada, a uma espécie de sociologia de pacotilha, a uma branda e salvífica pseudo-psicologia à volta dos temas inventariados.

4. Se não se pode explicar o “encontro” com o poema, recorde-se que o contacto epifânico e o conhecimento não são excludentes. É bem certo que o conhecimento enriquecerá a experiência reveladora. Talvez seja necessário remontar às questões essencialistas, ao centramento nas definições da poesia, para tentar contornar as implicações da especificidade da intervenção em torno da questão colocada. Implicar-se-ia então um falar que seria um falar específico sobre um lugar específico. A leitura da poesia estaria condicionada por uma adequação de ordem genológica? Seguramente que para a leitura de um livro de poemas de Sophia de Mello Breyner Andresen se vão pedir instrumentos analíticos diversos dos solicitados para a leitura de um romance de Agustina Bessa-Luís. É óbvio que a noção de género não será por si só determinante, mas vai abrir caminho aos horizontes interpretativos.

A mais premente questão começa por ser a questão da forma. Os poetas e os teorizadores têm uma aguda consciência do facto. “Há no poema um sentido violento da forma, que é a marca da imaginação, da visão” (Gastão Cruz, *As leis do caos*). A força, o impacto, o poder exercido pela verdadeira obra de arte decorre da “lei imanente da forma” (Adorno, *Teoria estética*). No ensaísmo crítico como na aula sobre poesia impõe-se esse conhecimento profundo dos códigos técnico-formais, dos vastíssimos recursos que o poema acolhe e que contribuem para que plenamente se alcance a dicção poética. Estamos, no entanto, fartos de saber como pode ser tão esvaziado e esterilizante o puro alardear desse conhecimento. Esquemas estróficos, rimáticos e métricos, acentuação e ritmo, as bases da construção, os efeitos estilísticos da repetição, etc, tão empobrecedores se tornam em seu arrolar de esqueleto de ensaio. Mas não é menos empobrecedor o cada vez maior desconhecimento dessas regras

particularizadoras, até mesmo para a leitura de expressões que intencionalmente se pretendam colocar à margem de quaisquer códigos formais. Será possível fazer da leitura algo próximo da tensão viva do poema? Entre o rigor e a paixão o ideal seria encontrar a percepção pessoal e íntima do poema numa equivalência para o objecto lido similar ao “equilíbrio das palavras entre si [que] é o equilíbrio dos momentos entre si” (Sophia de Mello Breyner Andresen, *Geografia*).

A poesia é uma arte da memória. À memória, aliás, associam-se muitos dos recursos formais que fazem com que a poesia possa ser guardada e transmitida de cor, “glória que parece reservada aos versos e que a prosa raramente alcança” (Borges). Se a poesia vive na memória e da memória mais do que qualquer outra forma de expressão artística, impõe-se, por outro lado, que a cadeia intertextual da tradição esteja mais do que nunca presente até se chegar a um modo feliz de aproximação ao poema.

5. Distribuo um poema de Ruy Belo: “Ao regressar episodicamente a Espanha em Agosto de 1534 Garcilaso de la Vega tem conhecimento da morte de Dona Isabel Freire”. O título apresenta dados de ordem enciclopédica que poderiam ser encontrados em qualquer outro tipo de registo discursivo. Do mesmo livro, *Toda a Terra*, apresento outro poema que com este dialoga, poema que igualmente ostenta uma data no título: o ano de 1526. Fornecidos os elementos contextualizadores sobre Isabel Freire e sobre as datas (atentando-se particularmente no carácter simbólico do ano de 1526 que traz à memória encontros determinantes para as literaturas portuguesa e espanhola), na sala vai-se comprovando, pouco a pouco, a necessidade do conhecimento de aspectos relacionados com a memória literária e de aspectos particularizadores da memória do discurso poético. Uma galáxia de nomes convocados alarga a perspectiva em torno dos poemas lidos em diálogo com o extraordinário ecletismo do sub-género aqui actualizado. O eco das magníficas églogas de Garcilaso pressupõe pelo menos o conhecimento das *Bucólicas* virgilianas, coroamento da tradição, e da *Arcádia* de Sannazaro, veículo de transmissão do modelo clássico. Mas é a

Falar de poesia?

partir do lugar do amor que a “audiência” mais prontamente adere ao texto. O poema de Ruy Belo é um poema de amor, um poema sobre o amor (“Eu amo com amor e amo tanto amar-te”) como o são as églogas de Garcilaso ou as de Camões, próximas das composições do poeta espanhol. Faz-se ver como o conhecimento dos códigos do petrarquismo e do neo-platonismo vai iluminar a leitura do poema. A sombra de Camões torna-se cada vez mais presente sobretudo em seu espectro elegíaco e melancólico. Em Camões como em Ruy Belo a tristeza, que tem no Amor um dos seus grandes responsáveis (“que não pode no mundo haver tristeza/ em cuja causa Amor não tenha parte”), é também motivo para a reflexão sobre o tempo, sobre a vida e sobre a morte. O próprio Ruy Belo reconhece, no interior do texto, o regresso da dicção camoniana (“neste meu verso aparentemente livre/ mas no fundo apoiado sobre o decassílabo”) para falar da “inúmera mulher” que sendo Elisa ou Isabel “morrera há muitos anos mas chamava-se inês”. O âmbito do mito reaviva o lugar da presença camoniana, da presença da poesia que pode na aula ser um encontro luminoso, alegria de aceder à palavra num país onde o horizonte dos “estudos culturais” surge inescapavelmente modelado pelo literário. Talvez a leitura orientada de pouco tenha valido. O importante mesmo é reconhecer na alegria envolvente o testemunho de uma acumulação de vida que na poesia se contém. Talvez o necessário seja conhecer todas as regras, todos os códigos e saber “esquecê-los”, para *encontrar* o poema.

6. Porque não existe uma didáctica para a poesia, porque não se ensina a ler poesia... As dificuldades mostram, apesar de tudo, a claridade que advém pela via do conhecimento. Mas mostram também que o inapreensível do processo pode trazer consigo um envolvimento a que se dará talvez o nome de comoção. Talvez estejamos então próximos de qualquer coisa sem nome, o que o poema pede, semelhante àquilo que um corpo pede: uma forma de amar. *Movere et delectare*. Certa ocasião na Casa de Mateus, num debate sobre a criação poética, Sophia encontra uma fórmula: “A prosa explica, a poesia implica”. Se calhar o que resta a quem vai falar de poesia é ainda um

Carlos Mendes de Sousa

só resistente modo de acreditar, uma certa perspectiva... Como diz para a literatura, ou para o modo de a ler, um dos pastores de António Franco Alexandre, em azul:

*Mando uma sonda ao espaço extraceleste
(um fio de pó, o último, decerto)
para ganhar mais certa perspectiva
sobre a razão, sentidos, uso e jeito
das palavras na língua, como queimam
nuvens no céu (na terra) ali além das pontes.*

